

APRESENTAÇÃO DO NÚMERO

*Maria Emília Costa*¹

Quando nos propomos estudar a realidade psicológica do indivíduo, nunca é possível chegar a certezas universais, ou mesmo de um universo restrito. Por isso, a investigação ou mesmo a psicoterapia serão sempre fontes de informação selectiva de um sistema complexo de um intrincado de variáveis dificilmente controláveis. Isto é, a investigação permite-nos uma aproximação da compreensão dos construtos e das suas expressões, que não são mais do que caminhos que nos aproximam da possibilidade de construir teorias que servirão de guiões flexíveis, porque sempre abertos a novas revisões, para a intervenção psicológica.

Toda a investigação pressupõe interpretação, porque ela é fonte de informação e de significados que permitem a formulação de novas questões e reflexões, para o conhecimento sempre inacabado e parcelar da realidade psicológica.

Conscientes que ao estudarmos unidades isoladas da complexidade psicológica, porque parcelares e descontextualizadas das experiências individuais, pretendemos, na medida do possível, estudar estas unidades em interacção com diferentes sistemas significativos, como a família e os pares, realidades sociais *a priori* basilares para a construção de significados sobre si próprio e sobre o mundo.

A investigação permite-nos aceder a regularidades de onde podemos inferir diálogos e significados construídos com o *self* passado, presente e futuro, que nos poderão abrir portas para a construção de guiões para a intervenção psicológica. No entanto, quando intervimos não podemos, de forma alguma, esquecer que a realidade psíquica não se reduz a paradigmas preconcebidos, não podemos assumir uma atitude atemporal e estática, mas uma análise contextual alargada, histórica, cultural, social, política, individual e relacional.

Por isso, entendemos que deveremos tentar aceder, o mais possível, aos diferentes subsistemas que contribuem para a construção do *self* individual. Porque é destas interacções, ao longo da vida, que diferentes realidades psicológicas vão emergindo, no entanto, estamos conscientes de que perspectivar relações num sistema linear de causa efeito não nos permite aceder à compreensão mais profunda e complexa do mundo relacional, mas

¹ Professora Associada com Agregação. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

permite-nos aceder a comunalidades que nos servem de guião para a reflexão-acção. Os estudos aqui apresentados seguem uma linha teórica de base, a etológica da vinculação de Bowlby e seus seguidores, que assenta no pressuposto que a necessidade de figuras de vinculação persiste desde o nascimento até à morte, embora a sua natureza mude com o desenvolvimento. É, segundo o autor, a qualidade da relação estabelecida com as figuras de vinculação que determina a construção de modelos internos, estruturas mentais cognitivo-afectivas que incorporam e integram representações mentais de visão do *self* e do mundo. Estas representações internas de vinculação são passíveis de revisão e de complexificação numa variedade de relações dentro e fora da família e na relação terapêutica, proporcionando novas oportunidades para aprender acerca de si e da natureza das relações. Assim, os pressupostos deste modelo teórico fornecem-nos, além de uma linha de investigação consistente e amplamente usada na comunidade científica, um guião para a intervenção psicológica, permitindo-nos aceder à compreensão de como diferentes contextos de vinculação poderão estar na base da construção de significados que estruturam o *self*, na relação consigo próprio e com o mundo.

Assim, propusemo-nos explorar diferentes contextos relacionais significativos na adolescência e como estes poderão interferir nesta construção. No primeiro estudo aqui apresentado, pretendemos estudar a relação entre os estilos de vinculação aos pais e a ansiedade nos jovens, partindo do pressuposto que vinculações inseguras seriam promotoras de estruturas ansiosas. No segundo estudo, pretende-se compreender como é que a segurança da vinculação aos pais interfere na vivência do sentimento de solidão, em dois dos principais contextos relacionais dos jovens: a relação com os pais e a relação amorosa. Num terceiro estudo, quisemos perceber como a vinculação aos pais está associada à percepção destes da satisfação conjugal e parental dos seus progenitores. Finalmente, aceder à vivência do corpo durante o processo gravídico e a sua importância nas relações significativas e na construção da relação mãe-bebé.

Dos diferentes estudos podemos induzir a necessidade de, como psicoterapeutas, aceder aos significados que o indivíduo atribui às suas experiências, sobre as quais constrói a sua identidade e interpreta o mundo e a si próprio, em função dessa organização interna, cuja origem se pode encontrar nas relações de vinculação.

Como já dissemos, uma perspectiva desenvolvimental sistémica parece-nos, pois, fundamental, quer para a investigação quer para a intervenção, sendo que, não assumindo um posicionamento determinista, nos parece primordial aceder às experiências relacionais e como estas interferem mais ou menos de forma significativa para a construção da realidade psicológica. Trabalhar o passado no presente dá significado às dificuldades actuais e fornece meios construtivos para promover o autoconhecimento, reconstruindo narrativas de vida.